

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

À_Sombra

Itinerâncias (in)disciplinares ao criar urnas funerárias, germinar paisagens e cultivar diálogos entre vivos e mortos

Palavras-chave: gaia, cemitérios, simpoiese.

João Pedro Alves Cavalcanti; Universidade Federal do Rio de Janeiro;
Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
joaopedroalves98@gmail.com

Jeanine Torres Geammal; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio
de Janeiro, RJ, Brasil;
jeaninegeammal@eba.ufrj.br

Como dialogar com os mortos? Esta pergunta dá início ao projeto que propomos apresentar e que foi desenvolvido também como resposta às exigências para a conclusão de graduação no curso de Design Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro¹. Foi buscando respostas (e novas perguntas) à essa provocação que nos pomos a refletir sobre os modos e rituais de sepultamento contemporâneos e seus impactos nas configurações dos cemitérios urbanos ocidentais. Compreendendo os potenciais desses espaços urbanos para exercitar práticas de compor-(se)-com, buscamos criar diálogos de outras naturezas entre seres humanos, não humanos, vivos e mortos ao reimaginar um ritual de sepultamento mediado por uma urna funerária feita a partir de hifas de cogumelo. A urna comporta partículas do corpo sem vida humana que se junta a essas partículas para tornarem-se substrato para o solo, evidenciando os modos como continuam ciclos de vidas com a Biosfera. O objetivo é incentivar que seres humanos (vivos e mortos), outros animais, plantas e fungos realizem trocas nutritivas e componham juntos desenhos e paisagens para as necrópoles urbanas capazes de oferecer sombra, abrigo e locais acolhedores e agradáveis à permanência e conversa com os mortos. Na nossa ideação, ritual, urna e paisagem compostam a percepção do

¹ O projeto foi reconhecido em premiações relevantes para o Design: vencedor Design for a Better World 2023, na categoria Conceito; e medalha de prata no BDA – Prêmio Brasileiro de Design 2023, na categoria Design Futuro, subcategoria Projetos Estudantis.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

encadeamento de vida se transmutando em seres e formos, no modo como Emanuelle Coccia nos instiga a pensar.

Recorrendo a modelos de criação compartilhado, envolvemo-nos com hifas de cogumelos e espécimes arbóreas para desenvolver uma coisa que, por sua materialidade e capacidade compositiva com outras coisas, fosse capaz de auxiliar o remodelamento de cemitérios urbanos, transformando esses espaços de modo a tornarem-se menos poluentes e mais receptivos a permanências e trocas entre seres humanos e outros mais que humanos. Em resumo, espaços capazes de regenerar e reintegrar vidas. A provocação em buscar dialogar com os mortos nos induziu a buscar compreender os potenciais de compor-(nos)-com outras espécies (Haraway, 2016), para ampliar nossas linguagens e capacidade de interlocução – composição de poiesis - com seres humanos, não humanos, vivos e mortos.

A pesquisa seguiu um processo heteróclito, tendo como premissa "itinerâncias (in)disciplinares". O que entendemos por itinerância (in)disciplinar são os trajetos não disciplinados que optamos por trilhar. Esse percurso envolveu tanto a participação em disciplinas academicamente estruturadas, quanto a composição com aprendizados e experimentações praticados fora dos âmbitos acadêmicos. Envolveu ainda diferentes experiências e experimentações: teóricas e práticas, materiais e virtuais, poéticas e sistematizadas. Uma estratégia na qual embaralhamos intencionalmente os espaços (físicos e virtuais; pessoais e acadêmicos; poéticos e científicos; artísticos e pragmáticos...) mais tipicamente delimitados a universos separados, buscando salientar as dinâmicas de emaranhamento já presentes em nossas vidas e reconhecer de modo explícito as impurezas de todas essas instâncias de existência, incentivando outras contaminações e borramentos

Um exemplo expressivo do modo como trabalhamos essa itinerância está nas vias que adotamos para nos aproximar da morte. Nesse processo, embaralhamos literatura ficcional, fotografia, visitas aos cemitérios citadinos presentes na urbe carioca, leituras de etnografias e teorias antropológicas, manipulações de programas computacionais 3D, cultivo e convivência com hifas de cogumelos *Pleurotus Ostreatus* e seus micélios.

A pesquisa também foi composta pela aproximação com autores da Antropologia e da filosofia, sobretudo Tim Ingold (2012), Donna Haraway (2016), Anna Tsing (2019), Emanuele Coccia (2020) e Ailton Krenak (2019), capazes de desviar o pensamento e a prática do design para modelos mais integrativos, participativos e ambientalmente responsáveis. Tal abordagem orienta uma visão do mundo não mais como um conjunto de entidades e objetos separados, mas sim como fluxos contínuos de materiais, emaranhados vivos em constante movimento. Para além, este modo de pensar também deflagra um modo de agir: propor meios alternativos e criativos de atrasar os efeitos de um fim de mundo que se encontra em curso. Haraway (2016) vai chamar de *habilidade de resposta, response-ability*, este exercício de imaginar futuros possíveis como meios responsáveis e cautelosos de reduzir a devastação causada pela humanidade, e de possibilitar a regeneração de parte do que temos contribuído por destruir.

O conceito de coisa, em contraposição ao de objeto, desenvolvido por Tim Ingold (2012), é uma das concepções que fundamenta desde o início nosso processo de pesquisa, reflexão e projeção. Entender que queríamos projetar uma "coisa", como um lugar de múltiplos acontecimentos entrelaçados, e não um objeto, com sua visão convencional de entidade separada, direcionou desde nossas escolhas processuais até as decisões sobre materiais, formas, processos fabris... Segundo Ingold (2012), as coisas não são entidades fechadas e isoladas, mas sim nós onde diversos fios se entrelaçam e interagem. Ao observar uma coisa, não somos meros espectadores externos, mas participantes ativos desse emaranhado. Essa concepção desafia a dicotomia entre objeto e coisa, enfatizando a fluidez, a porosidade e a constante transformação das coisas no mundo.

A partir dessa perspectiva redefinimos não apenas a natureza da nossa "coisa", mas também nossa relação com ela, eliminando a ideia do mundo como um mero cenário ou ambiente passivo que iria recebê-la depois de fabricada. Nossa pesquisa, apesar de inserida em um contexto de projeto de produto, não se trata da confecção de um objeto, mas sim do atravessar e transformar das percepções sobre a morte. Como nós, inseridos em um contexto urbano ocidental, realizamos conexões com nossos antepassados? Como o convívio e as interações multi-espécies podem provocar mudanças significativas ao ocupar os espaços? Nossas itinerâncias (in)disciplinares nos guiaram a interlaçar os

conceitos estudados e perceber que haveria um modo de povoar os terrenos dos cemitérios e provocar ressurgimento de vida a partir da proposta de uma nova ritualística durante o momento de separação dos vivos com seus mortos queridos, guiada por uma materialidade viva – um receptáculo feito com hifas de cogumelos, que posteriormente chamariamos de corpo-urna.

Cada um dos caminhos-linguagens que trilhamos nos trouxe questões particulares que aparecem presentes naquilo que convencionou-se chamar de resultado. Muitos dos pontos-de-decisão que encontramos foram compostos e/ou rearranjados a partir da inferência entre os seres envolvidos no confeccionar do projeto: interações entre os integrantes grupo de estudo; trocas-de-ideias em orientações; convivência com as diversas espécies de micélio - entre muitas outras. Para Haraway (2016), este criar-se-junto é Simpoiésis. No convívio com micélios, por exemplo, buscamos ensiná-los caminhos de crescimento, mas sobretudo aprendemos com eles os caminhos que poderíamos trilhar ou que eles prefeririam seguir. Percebemos nessa convivência quais seriam as melhores condições para desenvolvimento desses micélios: os efeitos de cultivá-los em diferentes substratos; o quão frutificariam sob a influência de iluminações ou sombras; se iriam, ou não, se adaptar aos moldes nos quais estavam inseridos. Sobretudo, nós fomos percebendo, durante o conviver, as condições ideais para que os micélios colaborassem com a nossa intenção de materialidade – jamais os contrariando, mas ajustando as circunstâncias para que compuséssemos, juntos, o nosso corpo-urna.



Figura 1 - Colonização do micélio, inserido em moldes feitos com Impressão 3D.

Fonte: elaboração do autor.

O que inferimos como resultado para este projeto é a sugestão de um ritual de sepultamento capaz de germinar transformações múltiplas: somar à miríade de percepções de outros modos de existência após o fim da vida humana, considerando que a matéria orgânica dos corpos continua a compor vidas, provocando trocas energéticas e nutritivas que atravessam de corpos em corpos, num tempo a perder-se de vista. Há também o estímulo da re-composição de novas paisagens verdes que ocupem espaços nos cemitérios urbanos com espécies arbóreas, proporcionando assombreamento, aconchego e abrigo, tornando estes locais convidativos ao hábito da visitação e permanência, e provocando também interações simpoiéticas entre os seres que coexistem nestes espaços.



Figura 2 - Corpo-urna de micélio, com frutificações do cogumelo *Pleurotus Ostreatus*.
Fonte: elaboração do autor.



V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

REFERÊNCIAS

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro, Rj: Dantes Editora, 2020.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, SP: EDITORA SCHWARCZ, 2019.

INGOLD, T. Trazendo As Coisas De Volta À Vida: Emaranhados Criativos Num Mundo De Materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

TSING, A. L. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.